Anno 3.º — DOMINGO 23 DE OUTUBRO DE 1910 — N.º 44

CORREIO DO VOUGA

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sá Noronha, 51
PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
RUA DE S. MIGUEL N.º 36
PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceita collaboração que não seja sollicitada.

Os acontecimentos de Coimbra

Condemnámos sempre os meios violentos. Mesmo quando elles têm a justificá-los o interesse social, o nosso espirito confrange-se todo, ao reconhecer a sua necessidade. Acceita-os dolorosamente. Mas, se não ha uma razão forte que os justifique, acolhe-os com indignação. Procurâmos ainda uma attenuante na ignorancia ou na miseria do agente. Aggravantes nos parecem todas as circumstancias, quando este é illustrado ou póde viver sem passar fome.

Foi, portanto, indignadamente, que lêmos o relato dos ultimos acontecimentos de Coimbra. Se por ventura tivessemos de avaliár o estado social do povo portuguez pelo senso intellectual e moral que revelaram os estudantes *revolucionarios* da Universidade, reconheceriamos que ainda não chegámos á barbaría: não teriamos passado do puro estado selvagem. Mas, felizmente, o caso de Coimbra é esporadico. Pois, se assim não fôra, quantas violencias, quantos crimes, quantas infamias não teriam succedido á Revolução! E a imprensa ainda não noticiou senão alguns excessos facilmente explicaveis, e logo reprimidos.

O povo portuguez tem sido tão ordeiro e tão generoso, que um official do exercito, com fama de intelligente e illustrado, disse-nos, ha pouco, cheio de extranho enthusiasmo: «Se todo o paiz estivesse educado, como a população de Lisboa, podiamos passar já da Republica para a Anarchia!»

Rimo-nos, mas reconhecemos que no exaggero d'estas palavras ha um fundo de verdade: o povo portuguez é bom; se ás vezes parece mau, a culpa é das classes dirigentes. Póde dizer-se mesmo que a obra dos politicos, nos ultimos tempos, se resumiu nisto: perverter-lhe o caracter.

E não serão os graves acontecimentos de Coimbra um reflexo da desordem, das violencias, dos erros e dos crimes que constituiram a vida governativa dos ultimos ministerios monarchicos? Não terá concorrido tambem para elles a orientação da propaganda republicana de que tantas vezes discordámos?

Nem se comprehenderiam d'outro modo, pois não ha a mais leve razão que os justifique. Se não, vejamos: o que querem os estudantes? Allegam elles, para explicar a sua violencia, que a Universidade não deve abrir emquanto não fôr feita a sua reforma. Mas julgarão os futuros governantes e legisladores d'este paiz que uma remodelação do ensino póde fazer-se d'um dia para o outro? E mesmo que isto fosse possivel, não seria o unico meio legitimo de reclamá-lo, representar em termos ao governo, deduzindo razões, apontando factos, suggerindo mesmo alvitres?

O Ministro do Interior foi a Coimbra para serenar os animos da *soberana* academia. Deve tê-lo conseguido, porque o apaixonado democrata domina pelo seu bello passado de propagandista sincero. Os rapazes receberam-no com as mais enthusiasticas demonstrações de sympathia e talvez tenham sentido já o remorso da sua infamia. Mas o governo provisorio da Republica não impedirá que ella seja punida com justiça. E cumpre simplesmente o seu dever.

GAZETILHA

Louvado seja o Senhor!
Tudo adhere, tudo, tudo!
De monarchicos, nem côr!
E' vê-los por um canudo!

Supponho que não existia
Por todo esse mundo além
Tão patusca monarchia
Como a nossa que Deus tem!

Pois segundo hoje se mostra,
Monarchistas... não havia
Nem se quer, umsó p'ra amostra
Quanto mais p'ra monarchia

Se toda a cachopa até,
Que, segundo era voz publica,
Punha p'lo rei seu *filé*,
Ergue vivas á Republica!

Explicar, por mim, não sei
Como D. Man'el, ufano,
Conseguiu fazer-se rei
D'um povo republicano!

22—X—910.

EL-VIDALONGA.

Correio do "Correio,,

Sr. Henrique Vieira—Costa de Vallado—Garantimos-lhe que o «Correio do Vouga» é expedido com a maxima regu'aridade.

—J. R. Correia de Mello—Lisboa—Não recebemos a carta de que falla. Pelo menos não pagamos multa nenhuma nem demos pela falta da frauquia. Só se estavamos, como os empregados do correio, a dormir.

NOTAS LIGEIRAS

A NOVA BANDEIRA

Têm sido muitos os alvitres apresentados sobre as côres da nova bandeira nacional, assumpto que será resolvido por uma commissão que foi nomeada pelo governo provisorio para esse fim.

O eminente poeta Guerra Junqueiro emittiu a sua opinião nestas bellas palavras:

«A bandeira nacional é o idealismo de uma raça, a alma de um povo, traduzida em côr e figurada em simbolos. O branco diz innocencia, candura unanime, pureza virgem. No azul ha ceu e mar, imensidade, bondade infinita, alegria simples. O fundo da alma portugueza, visto com os olhos, é azul e branco. D'esse fundo saudoso, de harmonia clara, de lirismo ingenuo, resalta, estudae-o bem, o brazão magnanimo: em campo de heroismo—vermelho ardente, sete castellos fortes, inexpugnaveis, cinco quinas sagradas e religiosas, e á volta, num abraço bucolico, duas vergonteas de louro e de oliveira. E' o escudo marcial e rural de um povo christão de lavradores, que, semeando, orando e batalhando, organisou uma patria. A corôa, que foi do escudo o fecho harmonioso, converteu-se ha mais de dois seculos numa nodoa sinistra. Rajadas de aurora limparam-na hontem pare sempre. O nobre estandarte não tem mancha. Glorifiquemos o escudo, coroemo-lo de novo com um diadema epico de estrellas de sangue e estrellas de ouro, estrellas que cantem e que alumiem. Substitua-se apenas o borrão infame por um circulo de astros immortaes».

ADHESÕES

Entre outras, contam-se as dos reverendos Patriarcha de Lisboa, bispos de Bragança e de Beja, e padre Mattos.

Os commentarios fizemo-los antecipadamente, no editorial do nosso ultimo numero.

ENSINO LIVRE

Os estudantes da Escola Politechnica de Lisboa reuniram, no dia 17, elegendo uma commissão para elaborar o relatorio sobre as suas pretensões. Entre outras coisas, querem a abolição de aulas praticas e o ensino livre.

Da primeira reclamação nem vale a pena tratar, tão disparatada ella é; a proposito da segunda recordaremos o que se passou por occasião da gréve de 1907, na Universidade de Coimbra.

Uma das pretensões dos grévistas era tambem o ensino livre. Assim o annunciaram, por meio d'uma representação, ao governo de João Franco que não ligou importancia ao caso. Mas, no anno seguinte, serenados os animos, alguns professores tomaram a iniciativa de fazer cursos livres. Parece que os rapazes deviam ficar satisfeitos. Pois aconteceu exactamente o contrario. Ao fim d'alguns dias, dirigiram-se aos mestres, quasi a chorar, a pedir-lhes que voltassem á antiga.

Ora os estudantes da Escola Politechnica são feitos do mesmo barro dos briosos moços da Lusa-Athenas, e, por isso, ou hão-de reconhecer, como elles, que o estudante portuguez não está preparado para o ensino livre, ou no fim do anno... é que são ellas.

ASSUMPTOS LOCAES

O director d'este jornal e os outros membros da commissão, que tem a responsabilidade da subscripção aberta neste jornal, devem reunir, ainda antes do fim do mez, para estudarem a melhor maneira de tornar productivo o dinheiro já subscripto. Parece-nos que está no animo de todos colloca-lo, pelo menos provisoriamente, na Caixa Economica d'Aveiro. Tomarão ainda outras resoluções, tendentes especialmente a augmentar o producto da subscripção.

DURANTE A SEMANA

Os funeraes do dr. Miguel Bombarda e almirante Candido dos Reis. Graves acontecimentos na Universidade de Coimbra. Decretos publicados pelo governo provisorio da Republica. Outras noticias.

Tiveram logar, no ultimo domingo, os funeraes do Dr. Miguel Bombarda e do almirante Candido dos Reis. Nunca no paiz se realisou manifestação tão grandiosa. Mais de duzentas mil pessoas se encorporaram no cortejo, e póde dizer-se que o paiz inteiro se associou, em espirito, á homenagem prestada aos grandes mortos.

O cortejo que começou a organisar-se, nos Paços do Concelho, pouco depois das 10 horas da manhã, só chegou á Rotunda da Avenida ás 2 horas e meia da tarde. Ao centro do passeio estava o pavilhão-catafalco, que tinha 15 metros de largura e 20 d'altura, encimado pelas armas da cidade e pela bandeira republicana. No interior erguiam-se duas eças em que foram collocadas as urnas funerarias. Usaram então da palavras o sr. Anselmo Braancamp Freire, vice-presidente da camara municipal de Lisboa, Dr. Antonio José d'Almeida, ministro do Interior, capitão de mar e guerra Azevedo Gomes, ministro da marinha, Eusebio Leão, governador civil, e Dr. José de Castro, grão-mestre adjuncto da Maçonaria Portugueza.

Passava das 5 horas quando o cortejo se pôz novamente em marcha para o cemiterio oriental, onde discursaram, entre outros, os srs. Dr. Theophilo Braga, presidente do governo provisorio, Dr. Silva Amado, director da Escola Medica de Lisboa, e Nunes da Matta, professor da Escola Naval.

—No dia 17, um grupo de estudantes de Coimbra, entrando na Universidade em attitude revolucionaria, intimou, de revolver em punho, alguns professores a abandonarem immediatamente o edificio, e, a machado, inutilisou grande parte das cathedras, produzindo ainda outros estragos de muita importancia.

O ministro do Interior, logo que soube em Lisboa deste gravissimo acontecimento, resolveu partir para Coimbra com o sr. Dr. Manuel d'Arriaga, actual Reitor da Universidade, com o fim de apaziguar os animos e naturalmente informar-se das razões que os estudantes apresentam para explicar os seus actos que são absolutamente injustificaveis e exigem repressão.

Está-se procedendo já a um inquerito, para averiguar quem foram os auctores das inqualificaveis violencias, os quaes serão entregues ao poder judicial.

O sr. ministro do Interior prometteu tomar, com a possivel urgencia, algumas medidas, entre ellas o estabelecimento dos cursos livres, a abolição do fôro academico e a annullação das matriculas no 1.º anno da faculdade de theologia que será transformada numa faculdade de letras.

—Por decreto, publicado no *Diario do Governo*, de 18 do corrente, foi declarada proscripta para sempre a familia de Bragança, comprehendendo os ascendentes, descendentes e collateraes até ao 4.º grau do ex-chefe do Estado.

—No mesmo dia foi decretada tambem a abolição dos titulos nobiliarchicos, do Conselho de Estado, da Camara dos Pares, e dos logares de reitores dos lyceus.

Os individuos que actualmente usam titulos, que lhe foram conferidos e de que pagaram os respectivos direitos, pódem continuar a usá-los, mas nos actos e contractos que tenham de produzir direitos ou obrigações será necessario o emprego do nome civil para que tenham validade.

As funcções de reitor serão desempenhadas em cada lyceu, até ulterior resolução, por um professor effectivo do respectivo quadro que o conselho escolar elegerá.

—Foram extinctas a Inspecção de sanidade escolar das tres circumscripções escolares da Republica, a Inspecção medica das escolas de Lisboa e o logar de bibliothecario-mór do reino.

—Por decreto, publicado no *Diario do Governo*, de 19 do corrente, foi abolido o juramento com caracter religioso.

—Foi prohibido, por decreto publicado no *Diario do Governo* do dia 20, que os funccionarios publicos exerçam cargos em companhias ou empregos.

—O conselho de ministros, na sua reunião do dia 20, tomou, entre outras deliberações, as seguintes: suspender o bispo de Beja, por se ausentar para Hespanha sem auctorisação do governo; revogar a lei de excepção de 13 de fevereiro de 1896, a de 3 d'abril do mesmo anno, que prolongava a deportação por tempo indefinido, a de 21 de abril de 1892, a de 12 de junho de 1901 que tirava ao jury competencia sobre os crimes de falsificação, a de 28 d'agosto de

1893, o decreto de 20 de janeiro de 1898 e o de 19 de dezembro de 1902 que instituiram o juizo de instrucção criminal, devendo ser submettidos aos tribunaes ordinarios os individuos que tinham de julgados por estas leis; revogar a lei de imprensa de 11 d'abril de 1907, ficando suspensos todos os processos emquanto não fôr publicada a lei protectora da imprensa; suprimir quatro logares de ajudantes do procurador geral da Republica e reduzir a dois os quatro districtos criminaes de Lisboa; dar por finda a commissão de estudo á economia rural do paiz nomeada pela portaria de 7 d'outubro de 1907; e suprimir alguns logares de medicos da fiscalisação dos productos agricolas e os restantes, logo que terminem os respectivos contractos, ficando a ser desempenhados por quatro sub-delegados de saude.

—Foi publicada hontem uma portaria, mandando suspender todos os trabalhos extraordinarios remunerados, nas repartições dependentes do ministerio das Finanças.

—Pelo ministerio da justiça foi publicado o seguinte decreto:

Emquanto se não remodela a nomeação e attribuições dos substitutos dos juizes de direito e dos juizes de paz e respectivos substitutos: hei por bem determinar que os presidentes das Relações de Lisboa, Porto e Açores sobreestejam na proposta de novos juizes de paz para o proximo biennio; e, quanto aos substitutos dos juizes de direito, observar-se-ha o seguinte:

1.º Ficam extinctas as funcções de substitutos dos juizes de direito em todas as comarcas cujos juizes se acham no exercicio das suas funcções.

2.º Salvo caso de força maior, todos os juizes de direito que estiverem ausentes da comarca, com licença official, ou por outro motivo, regressarão desde já ao exercicio das suas funcções, devendo os presidentes das Relações informar o governo de qualquer impossibilidade occorrente no cumprimento d'este artigo.

3.º Para esta substituição eventual dos juizes de direito, os presidentes das Relações apresentarão ao governo, em relação a cada comarca, uma proposta de substitutos, em lista triplice, formada com os nomes de tres bachareis em direito, sempre que se possa.

4.º Na referida lista entrará sempre o nome do conservador privativo do registo predial da respectiva comarca.

5.º Nessa lista escolherá o governo o cidadão que deve substituir o juiz de direito, até que novas providencias se tornem definitivas sobre tal assumpto.

—O governo provisorio da Republica Portugueza ordenou que seja feito exame de sanidade aos magistrados judiciaes e do ministerio publico que se acham no quadro da magistratura, sem exercicio, mas com vencimenio.

—Foi assignado um decreto, concedendo uma pensão á filha do fallecido capitão Amaral Ceitão, um dos officiaes implicados na revolta de 31 de janeiro.

—Foi exonerado de auditor do tribunal superior do contencioso fiscal o sr. João Franco e nomeado para o mesmo logar o sr. dr. Alexandre Braga.

—Tambem foi exonerado o sr. D. Fernando Eduardo de Serpa do logar de administrador da casa real, sendo nomeado para superintender nos negocios dos paços o sr. Antonio Augusto Gonçalves, professor da Escola Industrial Brotero, de Coimbra.

—Foi dada por finda a commissão de que estava incumbido o agronomo sr. Motta Prego para proceder ao estudo completo da economia rural do paiz, sendo mandado regressar ao Funchal.

—Deixou no dia 20 o paiz o nuncio, monsenhor Tonti, seguindo para Paris. Acompanharam-no até á «gare», por parte do governo, os srs. capitães Penha Coutinho e Sanches de Miranda, e uma força de policia.

—A firma Grandella entregou ao governador civil de Lisboa a quantia de 1.360$650 reis, producto da subscripção aberta entre os seus empregados para as familias das victimas, tendo o sr. Grandella subscripto com um conto de reis.

—Tomou posse do logar de director da Escola do Exercito o sr. General Moraes Sarmento.

—No dia 17 houve uma forte explosão de gaz numa padaria da Companhia de Panificação, na Calçada da Estrella, ficando muito ferido o menor de 15 annos, Armindo Valente Marques.

—Foram nomeados interinamente: director geral das contribuições indirectas o sr. Julio Maria Baptista, professor do liceu, e director geral da estatistica dos proprios nacionaes o engenheiro sr. Antonio Maria da Silva.

—Foi exonerado de administrador da Caixa Geral dos Depositos o sr. Adolpho Guimarães e nomeado para esse cargo o sr. dr. Estevam de Vasconcellos.

—O «Diario do Governo» deve publicar brevemente os despachos demittindo os ministros de Portugal nas seguintes capitaes: Londres, Paris, Berlim, Roma, Vienna d'Austria e S. Petersburgo e o embaixador do Vaticano.

Serão ainda exonerados os secretarios de legação, srs. conde de Rilvas, conde das Alcaçovas e Faria Machado.

—Consta que na proxima ordem do exercito será publicada a reintegração dos sargentos da revolta de 31 de janeiro, entrando no quadro das respectivas armas em altura competente.

Aquelles que eram primeiros sargentos entrarão como alferes, contando-se a antiguidade desde o dia 5 do corrente e sendo collocados na guarda republicana.

—Por não ter acatado o edital ultimamente firmado pelo sr. governador civil, respeitante a não permittir que por qualquer funccionario da policia civil sejam dadas informações á imprensa, vae ser suspenso o chefe Lourenço, da esquadra do Caminho Novo.

GRAMMATICA ELEMENTAR
DA LINGUA PORTUGUEZA

POR

JAYME DE MELLO LIMA

A' venda em todas as livrarias

1.º anniversario do assassinato de Ferrer

Algumas notas sobre a vida e a obra do immortal fundador da Escola Moderna e breves considerações sobre a pena de morte

(CONTINUAÇÃO)

Com o fim de completar as palavras de Soledade Villafranca, que no ultimo numero registámos, sobre o que se deve entender por *ensino scientifico e racional*, vamos transcrever do livro—*Quem é Ferrer*—,do sr. J. Simões Coelho, o programa da *Escola Moderna* que Ferrer publicou, por occasião da abertura do 2.º anno escolar de 1902-1903.

«*A Sciencia*, diz o grande evangelisador, *é a unica mestra da vida*. Inspirada neste lemma, a «Escola Moderna» propõe-se dar ás creanças, submettidas ao seu cuidado, *vitalidade cerebral propria*, afim de que, ao emanciparem-se da sua racional tutoria, continuem sendo no mundo social inimigos encarniçados dos prejuizos de toda a especie, tendendo sempre a formar convicções raciocinadas, proprias, sobre tudo o que seja objecto do pensamento.

Demais, como se não educa disciplinando sómente a intelligencia, mas contando-se com o sentimento e a vontade na educação do alumno, temos particular cuidado para que as representações intellectuaes, suggeridas ao educando, se transformem em jugo do sentimento; este, quando adquire certo grau de intensidade, dispõe-se de modo affavel por todo o sêr, colorindo e definindo o caracter pessoal. E como a vida pratica, ou a conducta do homem, gira inevitavelmente dentro do circulo do caracter, a creança, educada por esta maneira, hade converter a sciencia em unica e benefica mestra da vida.

Para completar o nosso trabalho é necessario indicar que somos partidarios enthusiastas do *ensino mixto*, que consiste em que os meninos e as meninas obtenham educação identica. Assim, a humanidade masculina e feminiua viverão na intimidade, levando a mulher a ser, na vida privada e na vida social, a *companheira do homem* no trabalho humano que tem por fim o melhoramento e a felicidade da especie.

O trabalho indicado, limitado quasi exclusivamente ao homem, tem sahido incompleto e portanto inefficaz; d'ora ávante hade ser dividido pela mulher e pelo homem. Para isto é preciso que a mulher estenda o raio da sua acção até onde chega a sociedade. Mas para que a companheira do homem, com a sua influencia moral, produza fructos sãos e beneficos, hãode os conhecimentos, que se lhe derem em quantidade e qualidade, ser os mesmos que ao homem se proporcionam.

A sciencia, penetrando no cerebro da mulher, alumiará, dirigindo-o com acerto, o rico filão do sentimento, que é a nota saliente e caracteristica da sua vida; esse elemento, separado da sua natural applicação com vistas antiprogressivas, hade converter-se em boa nova de paz e de felicidade, no futuro, para o mundo moral.

Sabendo a conveniencia de espalhar, no nosso paiz sobretudo, com diffusão, os conhecimentos de Sciencias Naturaes e de Hygiene, especialmente a das creanças, a «Escola Moderna» propõe-se coadjuvar a realisação d'este desejo. Para isso conta com o concurso de dois peritissimos cathedraticos. O sr. dr. Odon de Buen, lente de Sciencias Naturaes, e o sr. dr. Martinez Vargas, especialista de doenças das creanças, darão conferencias alternativamente, ácerca das suas respectivas materias scientificas, neste estabelecimento de ensino racionalista.»

CARTÕES DE VISITA

Ao Zé Magalhães

Salte de lá um abraço,
Meu presado Magalhães:
Apesar que não engraço
Com a mania que tens
De qu'rer fazer o que eu faço.

Lá por eu, todos os annos,
Um dos ditos... desfazer,
Embora sejâmos manos,
Não podemos ambos ter,
Sob pena de haver enganos,

Destino excepcional;
A mim pertenceu-me a sorte
De ser homem immortal,
Tu da tenebrosa Morte
Seguirás a lei fatal.

De nada val', como vês,!
Diminuires a edade,
E dás mostras d'honradez
Confessando que é verdade
Ter's feito hoje trinta e trez.

20—X—910.

A. B. C.

NOTICIARIO

Roubo — Na sexta-feira, depois do meio-dia, roubaram ao nosso conterraneo sr. Luiz d'Oliveira Lopes, mais conhecido por o *Couto* do Arrujo, 5 moedas, remexendo tudo que lhe encontraram em casa, naturalmente com o fim de darem com o pé de meia.

E' indispensavel que as auctoridades procedem com urgencia a averiguações. A impunidade de casos identicos é que tem dado logar ao augmento consideravel de roubos por estes sitios.

Preço dos generos—Os preços por que no mercado d'Aveiro se tem vendido ultimamente os cereaes e outros generos de primeira necessidade são os seguintes:

Feijão branco (20 litros), 940; feijão apatalado, 1$020; feijão vermelho, 1$000; feijão amarello grosso, 920; feijão amarello miúdo, 880; feijão mistura, 720; feijão sineiro, 840; milho branco, 620; milho amarello, 600; cevada, 600; trigo gallego, 1$060; batatas (15 k.), 300; ovos (duzia), 210; wagon de sal, 21$000 reis.

Baptisados—No ultimo domingo, realisaram-se, na egreja d'esta freguezia, os baptisados de tres creanças, respectivamente filhas dos nossos conterraneos srs. Matheus Rodrigues Anileiro, Augusto Fructuoso d'Oliveira Barbosa e Dionisio Diniz.

Beneficencia publica—De accordo com o governo provisorio da Republica Portugueza vae ser nomeada uma commissão para organisar e dirigir os serviços de beneficencia que estavam sob a direcção das congregações religiosas.

Divida publica externa—O Gremio Lusitano resolveu convidar as diversas associações e a imprensa do paiz a enviarem delegados a uma reunião, que opportunamente será fixada, a fim de nella se nomear uma grande commissão para abrir a subscripção nacional destinada a amortisar a divida publica externa.

Contribuição de renda de casas—Foi prorogado até ao fim do corrente mez o praso para pagamento voluntario da contribuição de renda de casas.

A entrar brevemente no prelo:

O LUXO

CHRONICA DE LISBOA

Novo e sensacional romance do mesmo auctor de

OS TRISTES

e, como este, livro de critica, livro para recreio e para estudo, d'um realismo interessante.

O suggestivo titulo com que elle será apresentado, dispensa referencias á sua indole: o justo renome do sr. Barros Lobo é uma garantia do seu merecimento.

Os noivos

(CONTINUAÇÃO)

Este é o momento em que se faz córada a donzella mais indifferente ao amor. Quando uma declaração chega por intermedio de terceiro, ganha tanta côr de sinceridade, como os suspiros e segredos, que um coração contasse á brisa! Não ha maneira de desconfiar de quem nos admira em silencio. A alma humana tem para uma senhora mil razões de vaidade, e ellas absolvem com gratidão os que commettem a ousadia... de as adorar. Gonçalo tomou n'esse instante para Carminho as proporções de vulto interessante. Não é porventura inevitavel reconhecer espirito em quem nol-o encontra? E depois, o doutor descreveu o seu amigo com os toques brilhantes da paixão e do enthusiasmo: que era um typo excentrico, bravo e leal; que tinha olhos pretos e um bigode magnifico; que atirava como um mestre d'armas, que era impetuoso como um leão e meigo como uma donzella... Quando o leitor fizer o seu plano de ataque numa campanha amorosa, incumba sempre um amigo de o retratar a sua escolha, realçando-lhe os dotes e esquecendo-se dos defeitos. Isto poupa-lhe meia jornada... se o amigo que escolher não tratar de si, em vez de tratar do senhor—o que tambem póde acontecer, poupando-lhe d'essa fórma a jornada toda! ..

A viscondessa, a quem Gonçalo cahiu em graça, encaminhou muito sua filha Carmo, na maneira de se conduzir para com elle, e, em poucos dias, o doutor, que fizera ao seu amigo uma primeira carta para a menina, viu-se rogado por esta, numa confidencial mais que extremosa, a aconselha-la se devia responder ou não.

E' inutil explicar que quando o doutor disse que sim, já a viscondessa tinha dado a Carmo o rascunho do qne cumpria copiar.

O casamento effectuou-se com uma brevidade incrivel, e o que Carlos Eduardo no principio d'esta historia me contou ácerca da boneca de presente de nupcias, era perfeitamente exacto.

Ao chegarem de Cintra, os noivos foram immediatamente a casa da viscondessa.

— Pobre mamã! exclamou Carmo á entrada. Já sei que está afflictissima. Amelia não está melhor?

— Como, melhor?

— Como melhor! Melhor da doença que a conserva de cama ha dois dias.

— Mas tua irmã está perfeitamente, meu anjo! respondeu a mãe com a mais sincera expressão de quem ouve uma novidade. Escuta! Não ouves o piano? Não a conheces nesta valsa? Quem póde haver-te dado similhante ideia?

Carminho ficou extatica, e, com ar infantil e desconfiado, meio risonho, meio triste, respondeu com voz tremula:

— Se a mamã receiasse dar-me uma má noticia...

— Uma má noticia, filha da minh'alma! Mas, que quer dizer essa insistencia?

Gonçalo que se conservava pasmado, contemplando sua sogra com o olhar especialissimo de um genro de provincia, entendeu ser tempo de tomara palavra; e tomando a viscondessa pelo braço, disse-lhe a meia voz:

— Ha, seja o que fôr em tudo isto, senhora viscondessa! Eu affirmo a v. ex.ª que li hoje uma carta de sua filha, minha senhora, supplicando a Carmo de que voltasse sem demora para a acompanhar na sua doença!

— Que louco *imbroglio!* ponderou a fidalga. Vae, minha filha, vae pedir a tua irmã que interrompa o enthusiasmo da sua valsa, e te explique...

O doutor entrava neste momento.

— Oh! proseguiu a viscondessa. Aqui está o doutor, que na qualidade de medico da casa, vae informar-

NOTICIAS PESSOAES

Anniversarios

Pelo seu anniversario natalicio, que passou ha dias, felicitamos o sr. dr. Jayme de Magalhães Lima, illustre escriptor e dignissimo director da Agencia do Banco de Portugal em Aveiro.

—Tambem cumprimentamos muito affetuosamente o nosso amigo sr. José Ferreira Coelho de Magalhães, considerado commerciante no Porto, que fez annos no dia 20.

Partidas e chegadas

Afim de fazerem uso de banhos, seguiram para a Costa-Nova a sr.ª Anna Valentim e sua prima Adilia de Jesus, d'esta villa.

—Partiu para o Barreiro (Lisboa) o nosso bom amigo sr. Antonio do Carmo de Magalhães.

—Acompanhado de sua ex.ma esposa, sua gentil filhinha e seu mano Armando, seguiu no dia 20 para Lisboa o nosso presado amigo e conterraneo sr. José Antonio de Carvalho Junior, devendo embarcar todos no dia 31 para Pernambuco (Brazil). Sinceramente lhes desejamos boa viagem e as maiores felicidades.

—Partiu no dia 20 para o Pharol a familia do nosso amigo sr. Athanasio de Carvalho, importante proprietario em Requeixo.

Doentes

Tem passado incommodada a sr.ª D. Clara de Magalhães, viuva do nosso saudoso amigo e conterraneo sr. João de Brito Taborda.

Fazemos votos pelas suas melhoras.

Estadas

Encontra-se na Costa Nova, a uso de banhos, o nosso amigo e conterraneo sr. Abel dos Santos.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 20

Continua o enthusiasmo pela proclamação da Republica. Pela minha parte, não posso deixar de registar o nome de dois valentes e destemidos, rapazes naturaes de S. João de Loure, que se apresentaram voluntariamente na Rotunda da Avenida, reclamando armas que lhes foram entregues pelo commandante do acampamento. São elles os srs. José de Almeida, mais conhecido por José Botas, e Innocencio Nunes Fernandes a quem enviamos um grande abraço pelo seu heroismo.

—Regressaram a esta cidade, vindos d'Eixo, o sr. João Nunes Fernandes e sua ex.ma sobrinha, a sr.ª D. Maria Augusta Fernandes.

—Vindo d'Azurva, chegou aqui com sua familia, o nosso amigo sr. Antonio Marques da Silva que foi esperado estação do Rocio por grande numero de amigos.

O sr. Antonio Silva vem muito satisfeito pelo bom acolhimento que os seus conterraneos lhe fizeram, fallando com enthusiasmo d'alguns passeios que deu, entre elles um á Ponte de S. João de Loure, que lhe deixou as mais gratas impressões.

—Como os leitores do *Correio do Vouga* já devem saber, realisaram-se no ultimo domingo os funeraes do dr. Miguel Bombarda e vice-almirante Candido dos Reis, encorporando-se no prestito mais de 200 mil pessoas.

Desde os Paços do Concelho até ao alto de S. João estavam os candieiros cobertos de crepes, todas as bandeiras republicanas a meia haste, e os estabelecimentos commerciaes fechados.

—Suicidou-se hoje o director da Casa da Moeda, o que se attribue ao facto de se ter descoberto um grande desfalque em que elle naturalmente tinha responsabilidades.—*Melicias.*

Troviscal, 21

Parece que é na proxima segunda-feira, 24 do corrente, que deve tomar posse da administrrção desta parochia a commissão republicana em substituição da actual junta de parochia.

—Acabam de regressar ás suas casas do Valle da Marinha e d'aqui respectivamente, os srs. Manuel Simões de Carvalho e Manuel d'Oliveira da Silva Briosa, que tinham ido a Lisboa assistir aos funeraes do Dr. Miguel Bombarda e vice-almirante Candido dos Reis.

—Esteve ha dias na Povoa do Forno, de visita ao sr. Adriano Joaquim de Carvalho, o sr. João Pereira Tavares, do Pinheiro da Bemposta.

—Tem tido pouca procura o vinho novo.

Já se vendeu algum a 800 reis cada 20 litros.—*Gil.*

Thomar, 17

Chegou aqui, vindo de S. João de Loure, o nosso presado amigo sr. José Simões Serralheiro a quem enviamos sinceras condolencias pelo fallecimento de sua extremosa mãe.

A extincta, que sempre mereceu a estima e a sympathia das pessoas que com ella tinham relações, deixa innumeras saudades.

A toda a familia enluctada, os nossos pesames.

—Nesta cidade tem havido grandes manifestações de regosijo pela implantação da Republica. A musica percorreu já, por varias vezes, as ruas, tocando a *Portugueza*, e foi esperar á estação de Payalvo o Regimento de Infantaria 15 que vinha da capital com a bandeira republicana.—*José Pedro.*

Azurva, 20

Com a sua ex.ma esposa, seu filho Antonio e uma netinha, regressou a Lisboa o nosso prezado amigo e conterraneo sr. Antonio Marques da Silva.

—Com a sua filha Maria Ermelinda, seguiu para a Costa-Nova, afim de fazer uso dos banhos de mar, o nosso amigo sr. Manuel Gonçalves da Cruz.

Muito estimamos que regresse melhor dos seus incommodos. Depois d'amanhã, deve ir visitá-lo a sua esposa, a sr.ª Rosa Thereza da Cruz.

—O sr. Augusto da Silva Oliveira, ao regressar hoje da caça causou o espanto de toda a gente pela variedade d'aves que trouxe, e entre as quaes se destacavam uma tordobeia (?) e uma coruja. Muitos parabens ao eximio caçador que é ao mesmo tempo um homem de caracter.

—Está doente o menino João Gonçalves Diniz, sobrinho do nosso amigo e importante proprietario sr. José Gonçalves Diniz. E' seu medico assistente o distincto clinico sr. dr. Eduardo de Moura. Desejamos-lhe rapidas melhoras. — *C.*

HENRIQUE VIEIRA

VIVEIRISTA

Costa do Vallado

Tem para vender mais de trinta mil enxertos americanos das melhores qualidades.

Pede a todos os agricultores, que precisem de comprar, para não o fazerem antes de visitar os seus viveiros.

Responsabilisa-se por todas as encommendas que receber.

Leituras amenas

O AMOR

Um rethorico—O amor é uma figura por meio da qual dizemos umas vezes o que não sentimos, outras o que não dizemos.

Um pharmaceutico—O amor é uma pilula amarga, adoçada por fóra para que não repugne ao paladar.

Um advogado—O amor é o pleito da vida.

Um prestidigitador—O amor é uma escamoteação da verdade.

Um acrobata—O amor é um salto mortal.

Um medico—O amor é uma enfermidade rara, que requer para cada caso um tratamento especial.

Um philosopho—O amor é o nada envolto numa illusão.

Um gastronomo—O amor é um manjar appetitoso, porém indigesto.

Um dentista—O amor é uma especie de dente, que se não póde arrancar sem dôr.

Um sapateiro—O amor é uma bota que só quem a calça é que sabe onde lhe aperta.

—Um militar—O amor é uma campanha, cujo plano se deve estudar, séria e detidamente.

Um physico—O amor é uma corrente electrica estabelecida entre dois corações.

Um chimico—O amor é um precipitado de allucinações e de cegueiras.

Um actor—O amor é uma obra muito diffidil de interpretar, porque tão depressa é drama como sainete, como tragedia e ás vezes musica.

Um marinheiro—O amor é... o mar.

Funeraes dos pretos na Africa

Quando qualquer preto, ou preta, morre, dois pretos que levam o defunto á cova são os unicos que acompanham o corpo á sua ultima morada.

No dia do enterro á noite juntam-se pretos em grande numero á porta da choupana do finado: trez ou quatro sentam-se no chão, tocando alguns instrumentos rusticos com os quaes fazem uma bulha infernal; outros dançam em torno de uma fogueira que acendem e ha sempre uma borracha de aguardente que anda de mão em mão, acompanhando-os neste exercicio.

As pretas ou dançam ou vão para dentro da choupana, onde se sentam no chão, em redor da casa alumiada por uma candeia, pendente a um canto. Nesta postura, emquanto umas começam a dar palmas e a entoar cantigas num som triste e monotono, fumam outras nos seus cachimbos.

Estes funeraes, a que elles chamam—*batuque*, duram trez e mais dias conforme é a dignidade do fallecido.

Uso da manteiga

Os gregos da antiguidade não faziam uso da manteiga. Em eras mais recentes é que importaram semelhante uso dos Scythas, dos Thracios ou dos Phrygios.

Suppõe-se que os romanos só do seu tracto com os povos da Germania é que tiraram da ideia de fabricar manteiga, da qual não usavam senão como remedio medicional.

Na Hespanha foi applicada durante muitos seculos só para emplastros e cura de feridas.

Nos tempos primitivos da egreja, a manteiga e não azeite era empregada na alimentação das lampadas dos templos, costume que ainda hoje se conserva na Abyssinia.

A manteiga lavada para se lhe tirar o sal, especialmente sendo fresca, é de muita utilidade applicada ás feridas e ás queimaduras, mas hoje o seu uso mais geral é para temperar. Um cosinheiro sem manteiga, seria um obreiro sem ferramenta.

D. João III e o corregedor da côrte

Um dia el-rei D. João III ia para Belem, acompanhado pelos cavalleiros do seu serviço e do corregedor da côrte.

De repente este, apeiou-se deante do rei, e foi fallar a um homem já de edade avançada, que vinha a pé e mal trajado.

Quando de novo se foi encontrar com a comitiva, perguntou-lhe o monarcha onde fôra.

Respondeu lhe o corregedor que fôra fallar a seu pae, que acabava de chegar do Algarve, onde residia.

Disse-lhe então o rei que ficasse, que fosse agasalhar seu pae e que este se lhe apresentasse antes de se retirar.

Na vespera da partida o pobre velho, pae do corregedor da côrte, foi ao paço acompanhado de seu filho, afim de receber as ordens de D. João III.

Este o acolheu com todo o agrado, como se fosse o maior do reino, e lhe fez mercê dnma boa tença no logar onde vivia.

El-rei de Portugal D. João III, premiava, por esta fórma, os nobres sentimentos do corregedor.

ANEDOCTAS

O prégador no sermão da paixão:

—Christo foi preso no Horto das Oliveiras.

—E' bem feito. Que diabo foi elle fazer, se ja lá tinha sido preso no anno passado?!...

*

Entre esposos:

—A nossa filha tem completa a sua educação: sabe pintar, dançar, cantar, tocar piano e monta a cavallo. E' chegado o momento de a casar.

—Está bem; precisamos procurar-lhe marido que saiba cosinhar e alguma coisa de costura.

HORARIO DOS COMBOIOS

DE LISBOA AO PORTO

	Omn.	Tram.	Omn.	Rap.	Cor.
	M.	M.	T.	T.	N.
Lisboa (Rocio)	8,30	=	1,35	5,30	9,30
Entronc. . .	11,54	=	4,41	7,3	11,43
	T.				M.
Coimbra . .	3,45	9,3	8,5	8,59	2,50
Pampilhoza .	4,30	9,29	8,42	9,16	3,48
Mogofores. .	4,52	10,32	9,45	9,30	4,23
O. do Bairro .	5,5	10,41	9,56	=	4,35
Aveiro. . .	5,37	11,21	10,28	9,57	5,7
Estarreja . .	5,58	11,49	10,52	=	5,30
		T.			
Ovar . . .	6,17	12,15	11,12	=	5,57
Espinho . .	6,40	12,48	11,33	10,35	6,13
			M.		
Gaya . . .	7,27	1,33	12,7	10,59	7
Porto (S. Bento) . . .	7,55	1,57	12,35	11,18	7,31

DO PORTO A LISBOA

	Omn.	Rap	Tram.	Rap.	Cor.
	M.	M.	M.	T.	T.
Porto (S. Bento) . . .	6,35	8,50	9,39	5	8,45
Gaya . . .	7,11	9,11	10,14	5,10	9,24
Espinho . .	7,24	9,28	10,48	5,38	9,50
Ovar . . .	7,50	=	11,22	=	10,4
Estarreja . .	8,13	=	11,49	=	10,45
Aveiro. . .	8,37	10,5	12,16	6,14	11,10
O. do Bairro .	9,5	=	12,50	=	11,42
Mogofores. .	9,16	10,30	1,3	6,38	11,54
Pampilhoza .	9,35	10,46	1,26	6,50	12,34
Coimbra . .	10,24	11,2	1,40	7,14	12,52
	T.	T.			
Entronc. . .	1,49	12,55	=	9,9	4,2
Lisboa (Rocio)	5,15	2,40	=	10,50	6,25

TRAMWAYS—Sáe de Aveiro, de manhã, ás 3,54, 7,12, 9,50, 11,21; de tarde, 2,20 e 6. Chegada ao Porto: de manhã, ás 6,34, 9,32, 12,20; de tarde, 1,57, 4,47 e 8,27.

Do Porto para Aveiro, de manhã: 4,15 7, 9,39 e 11,20; de tarde, 2,14 e 5,10. Chegada a Aveiro, de manhã, 6,40, 9,21; de tarde, 12,13, 1,48, 4,40 e 7,27.

LINHA DO VALLE DO VOUGA—De Albergaria para Espinho, sáe ás 3,50 e 7,30 da manhã, e 3,35 da tarde; de Espinho para Albergaria, ás 8,30 e 11,30 da manhã, e ás 4,35 e 7,40 da tarde.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Rudimentos de Sciencias Naturaes, conformes ao programma de 1902

POR

ALVARO M. MACHADO

Bacharel formado em Philosophia e Medicina pela Universidade e professor effectivo do Lyceu D. Manuel II

E

A. A. FLORES LOUREIRO

Medico cirurgião pela Escola Medica do Porto e professor interino do mesmo lyceu.

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

A B C Illustrado

POR

ANGELO VIDAL

nos das melhoras de Amelia!

—Como, das melhoras? Pois esta manhã ainda a vi tão bem disposta, es venho ter a magoa de a encontrar doente!?

—E' a historia de D. Basilio! disse a viscondessa, rindo. E' preciso ir tiral-a do piano, e entoar-lhe o *Vaz'a letto!*... Não, doutor, não! Minha filha, Deus louvado, tem apenas hoje, como sempre, a doença da poesia, que é a doença... de quem não tem outra! Tem estado toda a tarde a compôr musica para uns versos, enfermidade que não me dá muito cuidado... por ser da moda! Vamos nós fazer um wisth?

—Com muito prazer! disse o doutor.

Em quanto a viscondessa, Gonçalo, o doutor, e uma velha aia da casa se entreteem na sua partida de wisth, aqui está o que se passa entre as duas irmãs.

—Sabes que não comprehendo a singular noticia da tua doença, de que nem a mamã, nem o doutor, nem a nossa velha aia Justina estão informados?!

—Meu amor,—respondeu Amelia, sorrindo,—eu não estive doente.

—A tua carta, todavia...

—A minha carta mentiu.

—Com a intenção...?

—De te salvar.

—Que queres dizer?

—Digo de te salvar, meu pobre anjo,—e abraçou-se-lhe com uma meiguice melancolica e encantadora —meu pobre anjo, tu vaes perder-te!

Carminho tornou-se pallida.

—O que póde fazer-te suppôr...?

—Sei tudo. Carlos Eduardo tem uma irmã, que estava comigo no convento das Salesias, e, se essa irmã é a unica pessoa para quem elle não tem segredos, a unica possoa para quem ella os não tem sou eu!

Carminho curvou a fronte sobre o seio de Amelia, orvalhando-o de lagrimas.

—Que te disse, pois?

—Que Carlos Edurado tem um capricho por ti, um capricho, minha pobre irmã! e que tu auctorisas a sua temeridade.. esquecendo-te de Gonçalo, e não lh'o recordando a elle!

—Oh! vou dizer-te. Uma predestinação fatal preside a tudo isto. Desde o meu baile de nupcias, que os olhos d'aquelle homem me procuram, me seguem, e me prendem! O que ha nelle de singular, não sei: tento fugir áquella vista aguda, penetrante e irresistivel, mas elle subjuga-me, vence-me e prostra-me. Eu tenho medo, Amelia, medo d'elle! E todavia não se é mais docil, mais submisso, mais delicadamente respeitoso do que o tem sido sempre para mim. Um poder, que eu não explico, encadeia a minha alma a pensar nelle! Não é de certo mais bello do que os outros homens, e apenas o seu espirito o distingue do maior numero; mas quando elle apparece no theatro, no circo, ou nos bailes, a sala parece redobrar de luz pelo seu olhar! Sente-se que ha tristeza na sua apparente alegria. Elle parece falso, aquelle homem: ha affectação no seu ar de simplicidade e de distracção, e, apesar do meu desdem, do meu horror até por tudo que não é verdadeiro, enleia-me, seduz-me, encanta-me, aquelle typo especial de ironia e de innocencia, e fico scismando nelle, sem saber se devo adoral-o como o anjo do mal!... Nada n'elle é sincero, vês tu! Estuda, prepara, e planeia tudo. A ouvil-o no mundo, elle não póde supportar a minha belleza, e está continuamente em remoques ácerca dos meus dotes do espirito. Gonçalo já uma vez me disse que apenas lhe perdoava a pouca sympathia que eu parecia inspirar-lhe, pelas galanterias com que se esforçava em vencer o seu natural desamor por mim! Que idéa preside a tudo isto? Porque não dispensa elle nunca, no mundo, occasião de desdenhar do meu merecimento,—quando, por menor que elle seja, parece havel-o prendido? E' esta a sua arte de guerra no amor, talvez: amar desdenhando, para que ninguem suspeite do objecto da sua adoração!

(Continúa.) JULIO CESAR MACHADO.

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

DAS

ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organisado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 **Enc. 200 reis**

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por *Angelo Vidal*

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da *Livraria Central*, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Prata, 160, LISBOA.

GRAMMATICA ELEMENTAR

DA

LINGUA PORTUGUEZA

PARA

USO DOS ALUMNOS

D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

POR

ALBANO DE SOUZA

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUCÇAO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de nstrucção primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instruccão Primaria, por A M. F.

3.ª edição. . . 100 reis

ANGELO VIDAL

A B C ILLUSTRADO

A' venda em todas as livrarias.

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da *Livraria Fernandes*

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O *Manuscripto das Escolas Primarias*—contem exercicios graduados e variadissimos de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes acommodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da *Vitalidade* de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR

VIEIRA DA COSTA

E

OS TRISTES

POR

FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

A B C

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.ª edição—Brochado 60—Cart. 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo: — Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão-2$300 reis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

O que é a religião? Traducção de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Traducção de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete offerecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.ª edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol., 100

LIVRARIA CENTRAL

DE

Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.ª edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em fórma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual fôr a sua opinião e a sua crença, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 réis

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.--32 paginas--50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfastiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhaco castigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas, «A Moral» e a «Litteratura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A venda em todas as livrarias

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:
R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA
(Pagamento adiantado)

Portugal—anno	1$200
—semestre	600
Africa —anno	1$500
Brazil—anno—(moeda forte) .	2$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha . .	10 reis
Communicados, cada linha . .	20 »

Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

3.º ANNO—N.º 44

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Exm.º Snr.